

INCLUSÃO, DIVERSIDADE E AS QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS EM SALA DE AULA

Isabela Sofia de Camargos
Luciano Borges Muniz

Resumo: O presente artigo se insere no campo dos estudos étnico-raciais no âmbito da escola. Sua proposta é discutir as possibilidades de inserir o tema da inclusão e das relações étnico-raciais em meio as discussões teóricas sobre a valorização da História da África e dos Afrodescendentes. O estudo foi feito por meio de uma pesquisa bibliográfica que procurou perceber as vantagens de se propor uma maior inclusão dos alunos negros nas escolas por meio da valorização de narrativas que evidenciem e discutam a História do nosso país e adote práticas pedagógicas no campo da história que rompam, na medida do possível, com a visão predominantemente eurocêntrica e avance em direção à história e posturas que valorizem os alunos negros, suas histórias e origens.

Palavras-Chave: História da África. Inclusão. Negros. Educação Infantil. Diversidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a relação entre inclusão e as questões étnico raciais na escola. Objetiva ainda demonstrar como o continente africano foi e ainda é grandemente desvalorizado, considerado por muitos como um continente selvagem devido aos animais presentes em seu ecossistema, bem como também é fortemente pensado como um continente desvalido. Grande parte dessa herança se dá devido ao eurocentrismo, ligado a falta de informação e/ou de uma formação eficaz dos professores que desconhecem a história do continente africano e a importância de trabalhar a História da África, sua diversidade cultural e suas riquezas na Educação Básica.

Assim como o continente africano é caracterizado através de uma visão eurocêntrica, os negros e africanos em geral também são. O estudo da História da África possibilita a desmistificação de conceitos construídos através da herança eurocêntrica, assim como contribui para a valorização da cultura africana, diminuição do preconceito e para a valorização do negro dentro e fora da sala de aula.

A falta de informação a respeito do tema atinge diretamente a educação, pois é no ambiente escolar onde as crianças, em geral, tem maior interação uns com os outros e com uma grande diversidade cultural. Os alunos afrodescendentes tendem a sofrer desvalorização e preconceito, devido a bagagem negativa oriunda do eurocentrismo e que ainda vem sendo retratada no ambiente educacional, principalmente por meio dos próprios materiais didáticos e das posturas dos profissionais da educação que desvalorizam ou negligenciam assuntos relacionados à África e aos negros.

Desmistificar e aprender a valorizar a História da África, os negros e suas culturas em geral se fazem cada dia mais necessário na sociedade contemporânea para que seja possível amenizar reflexos negativos e preconceituosos que permanecem em nossos cotidianos e continuam a prejudicar pessoas e ambientes que deveriam ser democráticos.

É necessário que os professores estejam em constante busca por conhecimento, preparando-se para lidar com a inclusão de todos os alunos em sua totalidade, de forma que todos eles se sintam bem acolhidos, respeitados e valorizados. Isso ainda é um desafio grande para a Educação Brasileira, mas não impossível. A introdução da temática logo na Educação Infantil através de brincadeiras, histórias e momentos lúdicos pode contribuir grandemente para

amenizar atos preconceituosos, uma vez que nessa fase da escolarização começa a construção da identidade das crianças.

2 A INCLUSÃO E AS QUESTÕES ÉTNICAS

Quando se fala em inclusão escolar, logo se pensa em alunos com dificuldades de aprendizagem ou com algum transtorno que dificulte os processos pedagógicos. Porém, a inclusão vai muito além desses aspectos. No que se refere às dificuldades mencionadas anteriormente, entende-se que ainda é um desafio muito grande para as escolas, incluir totalmente esses alunos, tanto em função da infraestrutura, quanto em função da falta de profissionais qualificados para lidar com a inclusão. Porém, nada justifica o fato de uma grande parte dos alunos com necessidades especiais, muitas vezes ainda serem excluídos, diminuídos e desrespeitados. Em consonância com a realidade cada vez mais diversificada dos nossos ambientes, tanto de aprendizagem, que é o nosso foco neste trabalho, quanto nos ambientes aos quais frequentamos cotidianamente, há que se repensar e criar planos de ação eficazes a fim de tornar realmente possível a inclusão de todas as pessoas nos ambientes que elas ocupam.

Mas afinal, o que é inclusão? A inclusão escolar tem como dever receber e propiciar a todos os alunos a oportunidade de aprender, de se desenvolver e conviver em diferentes contextos e realidades. Ou seja, a inclusão é para todos e com isso, deve-se ressaltar que a inclusão vai muito além de simplesmente receber os alunos nas instituições escolares, envolve também fazer de tudo para que sejam bem acolhidos, respeitados e valorizados. (PRESTES, 2015)

Essa é a forma como Prestes (2015) entende a inclusão. Por se tratar de uma forma bastante ampla e coerente, é a ideia de inclusão que será usada nesse trabalho. Nossa escolha por esta definição justifica-se por entendermos que a inclusão deve ser pensada para além de uma ideia que se refira apenas aos casos de dificuldades de aprendizagem apresentadas por alguns alunos.

Quando falamos de inclusão devemos entender que o conceito compreende desde o aluno com deficiência visual, por exemplo, até o aluno afrodescendente, que muitas vezes é vítima de preconceitos e se sente inferiorizado dentro da escola. Os alunos negros, em sua maioria, já sofreram ou sofrem preconceitos, seja por sua cor de pele, pela maneira de pentear o cabelo, pelo modo de se vestir, a religião a qual pertencem e uma série de coisas que ao analisarmos bem, muito se relaciona com hábitos e costumes que foram sendo vistos de forma pejorativa ao longo da construção social e histórico do nosso país. Todavia, devido ao eurocentrismo e toda aquela visão egocêntrica que os europeus desenvolveram e reforçaram tantas vezes sobre o negro, em geral o africano, acabou por ser esta a maneira como muitos infelizmente se enxergam ainda hoje. (HERNANDEZ, 2008)

É preciso cada vez mais buscar incluir também os negros, falar sobre a importância deles, de sua cultura e de seus costumes para todos, afinal, muitas coisas herdamos da cultura africana e muitos ainda as desconhecem. Nesse sentido, deve-se evitar falar sobre a cultura africana apenas em dias comemorativos, como no dia da Consciência Negra. Deve-se valorizá-la a todo momento, relacionar com os conteúdos escolares de forma interdisciplinar, de maneira que realmente faça parte da cultura e rotina escolar, assim como faz parte do nosso cotidiano, possibilitando a quebra de barreiras que foram construídas através dos europeus e da visão estereotipada e etnocêntrica que vem sendo construída desde o período colonial. (PAULA, 2013)

Como dito anteriormente, há algumas dificuldades para se obter uma inclusão eficaz e de qualidade para todos, principalmente na esfera pública, que muitas vezes não possuem todos os recursos necessários, mas é preciso continuar buscando meios de promover essa inclusão.

“A escola deve adaptar-se às especificidades dos alunos e, não o contrário, independente das diferenças individuais, a educação é direito universal.” (PRESTES, 2015, p.12). Esse paradigma deve fazer parte do trabalho docente desde a Educação Infantil, uma vez que uma educação de qualidade que se preocupa com o desenvolvimento integral do indivíduo deve ser buscada desde os primeiros anos de formação dos indivíduos.

O aperfeiçoamento, a formação continuada, a pesquisa, são essenciais na profissão docente, pois são muitos os desafios a serem enfrentados no ambiente escolar. A falta de formação e informação não pode ser empecilho para trabalhar a diversidade em sala de aula, uma vez que, embora o profissional possa não possuir os recursos financeiros necessários para acessar uma pós-graduação ou o município/estado onde atua não ofereça nenhum curso, por exemplo, hoje temos acesso a um recurso muito útil e acessível para a maioria dos profissionais da educação, que é a Internet. Portanto, o professor precisa interessar-se em pesquisar e trabalhar sobre o assunto em sala de aula, buscando propiciar um ambiente agradável de estudo, contribuindo para a formação acadêmica e também pessoal do seu aluno, tendo em vista que já na Educação Infantil que se dá o início da construção da identidade da criança e o que ela aprende nessa fase pode lhe acompanhar em toda trajetória escolar e por toda a vida.

[...] A formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas, valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania. [...] É preciso conceber a educação multicultural como uma perspectiva que deve informar todas as áreas do conhecimento e do currículo escolar, fazendo-se presente nas diversas atividades voltadas para essa formação e nas práticas cotidianas entre os atores sociais envolvidos. Afinal, pensar a formação continuada de professores em uma perspectiva multicultural significa pensar em uma efetiva mudança de atitude, de postura e de olhar sobre a diversidade e a diferença. [...] Para tanto, o diálogo apresenta-se como um instrumento indispensável, a partir do qual professores e alunos possam estabelecer uma dinâmica de entendimento e reflexão, em que as “vozes” de todos sejam ouvidas, consideradas e debatidas. (CANEN E XAVIER, 2010, p. 642-643)

Diante disso, consideramos que os professores tem uma função estratégica no trabalho de valorização e conscientização acerca da importância de a escola ser um ambiente acolhedor para todos os indivíduos. Tratando especificamente das questões étnico raciais, mais uma vez percebemos que os professores podem ser os profissionais mais efetivos nas escolas para alterarem o ambiente muitas vezes hostis aos alunos negros e afrodescendentes. Promover a inclusão da forma como a entendemos nesse trabalho, passa pelo trabalho do professor, acompanhado e sustentado por todos os setores da administração e serviços pedagógicos da escola.

3 TRAJETÓRIA DO NEGRO NO BRASIL E O ESPAÇO DEDICADO A ELE E À SUA HISTÓRIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

A chegada do negro no Brasil no período colonial não ocorreu por vontade própria ou para que os negros tentassem uma vida melhor em terras brasileiras, mas sim pelo fato de que os portugueses necessitavam de mão de obra (escrava) e então os trouxeram nesse intuito. (MATTOS, 2015)

A trajetória do negro no Brasil se deu de maneira desfavorável a eles e para se defenderem dos maus tratos e das condições em que eram sujeitos a viver, os negros (na época

escravos) se uniram com o intuito de buscar formas de resistência, sendo uma delas as fugas, que originaram os quilombos.

Mesmo após a abolição da escravatura, a sobrevivência do negro no Brasil não foi facilitada, pois eles continuaram sem acesso à escola, empregos, moradia, o que fez com que muitos deles continuassem vivendo com antigos senhores nas fazendas nas mesmas condições anteriores ao fim da escravidão. A maior parte dos empregos disponíveis foi destinada aos imigrantes, e aos negros, restaram apenas as tarefas mais pesadas, onde eles recebiam por serviço prestado, sem salário fixo. (MATTOS, 2015)

A mesma situação se repete nas cidades. Aí, os negros eram subempregados em atividades domésticas, no transporte, na limpeza das ruas, no carregamento de cargas e na venda de jornais. A exclusão racial não aconteceu apenas no âmbito do trabalho. Pode-se notar também que os negros foram excluídos geograficamente. Por conta da sua precária condição financeira, eles foram obrigados a residir nas regiões periféricas das cidades, habitando cortiços e pequenas casinhas de aluguel nos bairros afastados do centro paulistano e favelas que surgiam nos morros cariocas. (MATTOS, 2015, p. 187)

A exclusão do negro, desde os primórdios, ocorreu em todas as esferas sociais. Os lugares destinados às suas moradias eram precários, as atividades trabalhistas que eles exerciam em sua maioria eram braçais e pesadas. Os negros eram excluídos e marginalizados, devido a visão eurocêntrica, que os caracterizavam como seres humanos inferiores. E é essa visão que vem sendo retratada, dificultando a ascensão social desse povo tão sofrido.

Conhecer para entender, respeitar e integrar, aceitando as contribuições das diversas culturas, oriundas de várias matrizes culturais presentes na sociedade brasileira, deve ser o objeto específico da introdução nos currículos do tema transversal Pluralidade Cultural e Educação que considero universal, pela sua abrangência e importância social. (SILVA, 2000, p. 21)

Não nos restam dúvidas que a alteração dessa visão passa pela escola. As instituições de ensino se apresentam como lugares estratégicos para a construção de novos olhares que sejam capazes de perceberem os equívocos dos olhares preconceituosos que discriminam pessoas e não aceitam a diversidade.

Pensando em estratégias que possam colaborar para desconstruir essa situação de exclusão e desfavorecimento em que se encontram os negros ainda hoje, cabe ao professor, “criar condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos”. (SILVA, p. 22, 2000)

O professor da Educação Infantil deve iniciar o processo de conscientização das crianças acerca da cultura afro-brasileira de forma lúdica e simples, a fim de prepará-las para o mundo social ao qual estão inseridas, colaborando com os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que, conforme Fonseca (2006) se deparam com erros contidos nos livros didáticos que retratam temas como escravidão e tráfico negreiro, menosprezando as festas culturais realizadas pelos negros ou os tipos de resistência contra a escravidão, por exemplo.

Sendo realizado, na Educação Infantil, um processo de introdução do conteúdo, nos anos iniciais, ao primeiro contato com os livros didáticos (em sua grande maioria), as crianças terão oportunidades de se posicionar criticamente acerca de qualquer informação que não esteja em coerência com o que foi aprendido nos anos anteriores.

O livro didático, de um modo geral, omite ou apresenta de uma forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas e os trabalhadores, entre outros. Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas. A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média. (SILVA, 2000, p. 23)

Conforme Avelar (2012) aponta, a implementação do ensino de História da África nas escolas se deu recentemente com a Lei nº10.639/2003, porém não significou que os professores realmente incluíram o conteúdo em seus planejamentos, até mesmo por não possuírem, na maioria das vezes, uma formação que os possibilitem trabalhar o tema com clareza. Portanto, se faz cada vez mais necessário que o professor busque aperfeiçoar-se e esteja apto para trabalhar a pluralidade cultural em sala de aula, de forma lúdica e valorizando todos os alunos por igual.

Ocorre que, segundo Silva (2000), alguns professores duvidam da capacidade de aprendizagem dos alunos negros. Pré-conceito esse que pode causar sentimento de inferioridade nos alunos, levando-os a se desinteressar pelos estudos, causando evasão escolar. Em consonância com todos os fatos narrados nos livros didáticos e que, por falta de experiência e/ou vontade vêm sendo discutidos em sala de aula, pode-se concluir que grande parte da população desconhece muito sobre a importância da cultura afrodescendente, bem como a importante função dos negros na construção da identidade cultural brasileira.

O conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e os meados do XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento, quando não do próprio desconhecimento sobre o continente africano. (HERNANDEZ, 2008, p. 18)

Tendo em vista todos os estereótipos e preconceitos acerca da herança africana, muitos negros acabam por sentir-se inferiores aos brancos. Esse sentimento de inferioridade desmotiva-os e até mesmo limitam suas vidas. É necessário desmistificar e aprender a valorizar a História da África, os negros e suas culturas em geral, para que seja possível amenizar esse reflexo negativo resultante do eurocentrismo.

A formação docente sem acesso ao conteúdo da História da África e o desconhecimento da grandeza cultural e histórica do continente africano acarreta a impossibilidade de trabalhar o conteúdo de maneira com que o mesmo favoreça e incentive a valorização do negro com toda sua bagagem cultural, assim como a escassez de tempo e a preocupação com o conteúdo a ser desenvolvido em curto prazo impede os professores de dedicar mais tempo a um trabalho voltado para a diversidade, porém, tais argumentos precisam extinguir-se das ações e falas pedagógicas.

4 VANTAGENS DA EDUCAÇÃO QUE VALORIZA A POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE PARA AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao compreender que a trajetória dos negros não está envolvida apenas à escravidão, comportamentos indevidos e rebeldia, como tratado pelo eurocentrismo, há a necessidade de ressignificar as ações que os movimentos dos negros originaram no Brasil tornando parte da nossa cultura, mas que ainda hoje são vistas e interpretadas de forma errônea. (CAMPOS, 2004)

Através de reivindicação dos movimentos sociais negros foi assinada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 9 de janeiro de 2003, a lei 10.639 que propõe a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo da Educação Básica.

A lei 10.639 permite que a gravíssima questão da desigualdade Educacional no Brasil possa ser reavaliada especialmente porque o campo Educacional influi poderosamente nas perspectivas futuras de participação social e de acesso às posições melhor remuneradas no mercado de trabalho. (Campos 2004, p. 45)

Embora tenha sido promulgada, sabe-se que o problema educacional no Brasil vai muito além. O "sistema" se preocupa com números e fornecimento do diploma de conclusão para os alunos, de modo que os professores desenvolvam seu trabalho à partir das disciplinas contidas nos currículos, muitas vezes objetivando apenas o cumprimento dos planejamentos, não restando tempo para lidar com a verdadeira aprendizagem dos alunos e sem levar em consideração a sensibilidade em olhar para os mesmos com olhos capazes de promover a

[...] recuperação das deformações que limitam o horizonte cultural da formação socioeducacional brasileira compensando o processo cumulativo da desigualdade pois, dado o caráter tradicionalmente excludente da escola brasileira, a educação nunca foi um canal acessível de mobilidade social, mas muito, de reprodução de valores diametralmente opostos aos propostos pela lei 10.639, quais sejam, exclusões e formação de intolerâncias. (CAMPOS, 2004, p. 47)

Como dito, o sistema educacional brasileiro preocupa-se somente com números e os docentes em sua maioria não querem fugir do comodismo em que já estão inseridos. A formação de cidadãos críticos e participativos não é importante para o Estado pois, uma vez que a população desconhece seus direitos torna-se mais fácil aliená-los. Sendo assim, a forma como são distribuídos os conteúdos e cargas horárias nos currículos educacionais, favorece o predomínio de disciplinas como Português e Matemática. Matérias essa que são de fundamental importância, mas que pelo espaço que ocupam nas estruturas curriculares da Educação Básica, acabam, mesmo que involuntariamente, suprimindo o espaço que é ocupado por outros componentes curriculares como é o caso da disciplina História.

O ambiente escolar brasileiro apresenta inúmeros problemas. Um deles, talvez o mais grave, diz respeito a sua organização e estrutura curricular. Voltada para as disciplinas das chamadas ciências exatas e da terra como a Biologia, a física e a química, a escola perdeu sua dimensão humanitária deslocando disciplinas correlatas às humanidades a uma escala reduzida tanto em relação as cargas-horárias dedicadas ao estudo dos saberes nos quais se inserem quanto em termos da importância das mesmas na formação da criança e do adolescente. No caso específico da História, é notório que a disciplina, no Brasil, foi relegado aos tradicionalismos de uma cultura fossilizada, pautada no vazio das datas comemorativas, dos mitos fundadores, dos vultos heroicos, reduzindo o potencial da matéria que, grosso modo, implica no trabalho com as noções de tempo e espaço, base para uma Pedagogia da compreensão. (CAMPOS, 2004, p. 48)

A disciplina de História é de fundamental importância para a formação de cidadãos críticos e participativos, uma vez que a mesma estuda o passado dos homens, seus feitos e sua importância para a sociedade contemporânea. No que diz respeito aos negros, eles trouxeram suas crenças, culturas, costumes, religiões e essa mistura, essas contribuições, originaram a Identidade Brasileira. Sendo assim, conhecer mais sobre o passado dos negros e suas vivências nos faz descobrir um pouco mais sobre nossas culturas.

O ambiente educacional é um ambiente repleto de diversidades e essa diversidade não é somente entre alunos, mas também entre os educadores e toda a comunidade escolar. É

fundamental que o docente seja capaz de lidar profissionalmente com a diversidade, uma vez que a inclusão precisa ser exercida principalmente em âmbito educacional. A discussão sobre diferentes culturas é enriquecedora e traz inúmeros benefícios para a aprendizagem.

A inclusão desta temática fará com que os alunos (as) e professores (as) reflitam sobre a presença dos afro-brasileiros dentro das escolas e na sociedade brasileira, presença essa muitas vezes desconsiderada. Na agenda de implementação da Lei nas escolas, existem inúmeras questões e ações a serem revistas. Como a lei existe e deve ser cumprida em todos os níveis da educação, as primeiras ações a serem tomadas pela escola são a capacitação do corpo docente e a aquisição de material adequado para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. (KRAUSS, ROSA, 2010, p. 863)

Muitas vezes, os educadores se deparam com situações nas quais encontram dificuldades no agir. Sabemos que cada vez mais os alunos chegam nas escolas com uma bagagem ampla de conhecimentos, assim como atitudes inadequadas e muitas vezes preconceituosas. De fato, quanto antes se der o início do trabalho dessa temática nas escolas, o processo de valorização e ressignificação se expandirá mais facilmente, podendo evitar atos preconceituosos.

Enquanto atitude o preconceito não é inato, e sim construído socialmente, portanto nenhuma criança nasce preconceituosa, ela aprende a ser. Todos nós socialmente cumprimos um percurso que tem início na família, vizinhança, círculos de amizade, igreja, escola que se estende até nos inserirmos em instituições como profissionais ou enquanto atuantes em movimentos políticos e sociais e comunidades; devemos levar em consideração que os primeiros julgamentos raciais que as crianças apresentam são consequências do seu contato com o mundo adulto; as manifestações raciais de caráter pejorativo vão se acentuando na medida em que a criança convive no ambiente que constantemente deprecia negros, judeus, mulheres, índios, idosos, pessoas de baixa renda e homossexuais. (KRAUSS, ROSA, 2010, p. 870-871)

Aprende-se a ser preconceituoso, aprende-se também a respeitar, mas para isso, é preciso conhecer.

É muito importante debatermos na sociedade, sobretudo na escola a questão étnico/racial desmistificando o racismo para dessa maneira superarmos a discriminação racial. Ao contrário do que muita gente pensa discutir publicamente o racismo não fomenta o conflito entre os diversos grupos étnico/raciais, pelo contrário, quando silenciarmos esse assunto é que reforçamos a existência da discriminação, do racismo e da desigualdade racial. Refletir sobre esse tema é algo que deve interessar toda a sociedade, e não apenas as pessoas que pertencem a este grupo étnico, é uma questão de toda a humanidade. (KRAUSS, ROSA, 2010, p. 874)

Segundo Krauss e Rosa (2010), a Lei 10639/2003 necessita de alguns ajustes, porém ainda assim é possível e se faz necessário que os educadores, juntamente com o Estado atuem contra a discriminação e pela igualdade.

Ao chegar na escola, na educação infantil, as crianças já possuem conhecimentos que foram adquiridos no convívio social com os familiares, amigos e com toda a comunidade que os cercam, porém não têm sua identidade totalmente formada e esse processo ocorre com o tempo.

A construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados. Neste aspecto, destacamos principalmente, os brinquedos os personagens de desenho animado e as histórias infantis. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com essas histórias; uma é através da oralidade e a outra através dos livros. Tanto em uma como em outra a criança vai

deparar com os personagens principais, os heróis, as mocinhas, os animaizinhos, os príncipes e as princesas, as fadas, dentre outros. O que encontramos nestas histórias são personagens de origem Europeia, mocinhas brancas e frágeis esperando por príncipes, também brancos, que irão salvá-las. (MARIOSIA, REIS, 2011, p. 42)

Segundo Mariosa e Reis (2011), através do contato que as crianças adquirem com os livros literários e sua familiarização com seus personagens, elas começam a construir padrões do que é bom e bonito, de forma que as crianças brancas podem vir a se sentir superiores enquanto as negras inferiores umas às outras, devido ao fato de que crianças negras dificilmente são encontradas nos livros de literatura infantis das escolas, nem mesmo nos bonequinhos de E.V.A que são colocados nas salas de aula no início do ano letivo pelas professoras ou professores.

De fato, no processo de ensino-aprendizagem, a literatura é fundamental. Os primeiros livros infantis que apresentavam personagens negros, em sua maioria, mesmo após a abolição da escravatura, apresentavam os negros de maneira preconceituosa.

Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil, buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana. (MARIOSIA, REIS, 2011, p. 45)

Na educação infantil, o contato com a literatura diário é de suma importância. Ao selecionar os livros, seja para colocar na lista de materiais que os pais devem comprar ou na preparação de atividades, o docente pode optar por livros onde exista a diversidade racial dos personagens buscando assim enfatizar que as diferenças existem e que são essenciais para que possamos nos diferir uns dos outros, cada qual com suas características (físicas e pessoais) despertando nos alunos negros o orgulho de serem como são. "A Literatura Infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve muitas vezes como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. (MARCOS, REIS, 2011, p. 48).

Além dos livros literários, existem outras formas de trabalhar com as crianças sobre a temática da História e Cultura Afro-Brasileira, como através de jogos, brincadeiras, atividades artísticas, buscando utilizar sempre elementos fáceis e que remetem à cultura desses povos. Elas podem ser utilizadas em momentos que unam a teoria à prática.

Levando em consideração a modernidade e a tecnologia avançada que vem fazendo parte também do processo educacional, os educadores podem utilizar das tecnologias disponíveis nas escolas em que trabalham para levar conhecimento às crianças. Os mesmos podem propor atividades para casa, a fim de que os pais auxiliem as crianças a desenvolver pesquisas sobre o tema e elaborar alguns trabalhos, como aulas invertidas, onde o professor define o tema e a família desenvolve a atividade junto à criança para que seja apresentado em sala de aula para o educador e demais alunos. Dessa forma, além de trabalhar com as crianças a importância da valorização e cultura afrodescendente, os pais também estarão se conscientizando, ou ao menos tendo a oportunidade de contato com a temática tão importante e extremamente relevante para o processo de construção da identidade dos filhos.

As crianças aprendem com mais facilidade quando se sentem acolhidas, tanto pelos colegas quanto pelos professores e quando se sentem motivadas. O ambiente educacional será um ambiente melhor e mais agradável quando de fato for exercida a inclusão e para que isso ocorra é preciso a cooperação de todos os envolvidos no processo educacional: educadores, alunos, pais, famílias, comunidade escolar, gestão escolar. Estando todos engajados é possível acontecer uma inclusão de qualidade e desse modo, os alunos poderão apresentar melhores resultados também na aprendizagem. Esse ambiente fará com que todos se sintam acolhidos,

inclusive alunos que tem sido historicamente marginalizados por questões étnico-raciais que envolvem, especialmente, a cor de suas peles e aspectos de suas aparências físicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a diversidade cada vez mais presente em nossa sociedade e principalmente em nossos ambientes educacionais, o respeito e a valorização às diferenças deve prevalecer em nossas relações sociais. E para que isso ocorra de maneira satisfatória, principalmente nas instituições escolares, é preciso que haja a colaboração de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem: alunos, pais, professores, gestores e de toda a comunidade escolar.

Um ambiente de aprendizagem prazeroso proporciona aos alunos maiores possibilidades de aprender, aprimorar seus conhecimentos, se valorizar e se expressar, sem medo dos julgamentos. Desconstruir conceitos oriundos do eurocentrismo não será tarefa fácil, mas é de extrema importância e precisa acontecer. Os alunos negros e também os que se diferem da matriz étnica idealizada por nossa sociedade como sendo aquela representante do belo, do adequado e aceitável, devem ser aceitos e inseridos de forma plena em todos os espaços sociais.

Em nosso entendimento, todas as demais formas de inclusão devem ocorrer com urgência dentro das escolas, só assim será possível uma educação igualitária, de qualidade e que realmente seja capaz de formar cidadãos críticos, responsáveis, participativos e que se orgulhem de suas identidades e de serem quem são. De todas as inclusões necessárias, destacamos a necessidade da inclusão dos alunos negros e afrodescendentes e propomos uma educação que valoriza a História da África, dos povos africanos e que evidencie a trajetória dos povos negros na formação do Brasil. Essa orientação deve ocorrer desde a Educação Infantil, para que os brasileiros cresçam em um ambiente que valoriza e reconheça a importância das múltiplas etnias formadoras do nosso país e de suas gentes.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alexandre de Sá. **Os desafios do ensino de História: problemas teorias e métodos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. O ensino, a história e a lei 10.639. **História e Ensino**. Londrina, v. 10. P. 41-52, out. 2004.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HERNADEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KRAUSS, ROSA. **A importância da temática de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas**. Antítese, vol 3 – n. 6, páginas 857-878 – jul-dez. 2010.

MARIOSIA, REIS. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**. Londrina. Vagão. v.8, parte A, p. 42-53, dez. 2011.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo este desafio**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático: In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf.

SILVA, F. C., PALUDO, K. I. Racismo implícito: um olhar para a educação infantil. **Revista África e Africanidades**. Ano IV – n. 14/15 – Agosto – Novembro, 2011.